



PASSOS DO MONGE, GRITOS DA TERRA: UMA ANÁLISE DAS RAÍZES DA GUERRA DO CONTESTADO

*Andréia Gabrielle Maleski Chicoski*¹

*Beatriz Alves Vicente*²

*Camila de Souza Moraes*³

Referência:

RODRIGUES, Rogério Rosa *et al.* (Org.). Unidade 1: Caminhos, palavras e conflitos: sementes das Cidades Santas. *In*: RODRIGUES, Rogério Rosa *et al.* (Org.). *A guerra santa do Contestado tintim por tintim*. São Paulo: Letra e Voz, 2023. p. 41-124.



A obra *A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim* é organizada por Rogério Rosa Rodrigues, Doutor em História e Professor da Universidade do

¹ Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - andreiachicoski@gmail.com

² Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - beatriz_vic@hotmail.com

³ Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - camilazmrs@gmail.com



Estado de Santa Catarina (UDESC), Paulo Pinheiro Machado, Doutor em História e Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Alexandre Assis Tomporoski, Doutor em História e Professor da Universidade do Contestado (UNC), Delmir José Valentini, Doutor em História e Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e Márcia Janete Espig, Doutora em História e Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A coletânea constitui-se como um marco na historiografia regional. Com 529 páginas, o livro reúne 58 capítulos e 42 autores, todos especialistas e pesquisadores de destaque sobre a Guerra do Contestado.

Adotando a metodologia da História Pública, o livro busca desconstruir as narrativas oficiais que, historicamente, estigmatizaram a população cabocla e sertaneja como um bando de "fanáticos" e "desordeiros". Os autores propõem uma leitura através das Cidades Santas, compreendendo as motivações sociais, políticas e espirituais daqueles que resistiram ao processo de expropriação socioterritorial no planalto meridional brasileiro.

Estruturada em seis unidades e com a contribuição de dezenas de autores, a coletânea oferece um panorama completo do conflito. A Unidade 1 dedica-se às origens do profetismo popular e aos conflitos agrários inaugurais. As unidades subsequentes abordam a desordem trazida pelo "progresso" com a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (Unidade 2), a vida, a fé e a organização interna das Cidades Santas (Unidade 3), os trágicos combates e a destruição dos redutos (Unidade 4), a construção da memória pública em museus e na literatura (Unidade 5) e, finalmente, na Unidade 6, as vivências e relatos de pesquisadores, intelectuais e artistas que contribuíram significativamente para a reflexão sobre o Contestado, como é o caso do texto escrito pelo dramaturgo e músico Romário Borelli, cuja aclamada peça teatral de sua autoria, "O contestado", uma espécie de musical, teve mais de vinte montagens desde os anos 1970, sendo encenada em inúmeros lugares no Brasil, com destaque para a montagem da USP de 1974 que ficou um ano em cartaz em São Paulo e a montagem do Grupo de Teatro Temporá que manteve a peça ativa por 17 anos entre os anos de 1990 e 2007.

Trata-se, portanto, não apenas de uma coletânea que busca reunir um grande conjunto de informações sobre a guerra, mas de um trabalho com o objetivo ambicioso de explicar o conflito ponto a ponto, um tema que foi amplamente estudado e documentado ao longo das décadas. Para isso, o livro utiliza exemplos concretos, narrativas detalhadas e análises aprofundadas a



fim de tornar os diferentes e complexos eventos acessíveis ao leitor sem abrir mão do rigor acadêmico. Esta resenha se concentra na Unidade 1, "Caminhos, palavras e conflitos: sementes das Cidades Santas", por ser a base interpretativa de toda a obra, onde são apresentadas as raízes históricas, sociais e espirituais do Contestado e também para poupar o leitor de uma apresentação demasiadamente extensa.

A Unidade 1 reúne dez capítulos curtos, porém densos, que pavimentam o entendimento das causas profundas da Guerra do Contestado. O escritor Alexandre Karsburg (Capítulos 1 e 5) resgata a trajetória do monge João Maria de Agostini, o eremita italiano que peregrinou pelas Américas no século XIX. Longe da visão de um charlatão, João Maria é apresentado como um sujeito que forjou uma poderosa tradição de catolicismo popular concentrada na penitência e na sacralização da natureza. Como aponta Karsburg sobre as memórias escritas pelo próprio monge:

O livro de memórias traz uma série de informações pontuais, precisas quanto a datas, nomes de pessoas e lugares. Confrontado a documentos encontrados em arquivos diversos [...] não nos deixa dúvidas: João Maria de Agostini foi um sujeito excepcional, excêntrico para muitos, que escolheu seguir um modelo de vida exemplar, centrado na missão itinerante e na existência solitária (p. 49).

A base material do conflito é detalhada por Flávia Paula Darossi (Capítulo 2) e Francimar Ilha da Silva Petroli (Capítulo 3). Darossi analisa o impacto da Lei de Terras de 1850 no planalto catarinense, evidenciando como a legislação, supostamente modernizadora, serviu para legitimar a grilagem e a expulsão sistemática de pequenos posseiros e caboclos por parte de coronéis e latifundiários. Petroli complementa esse cenário ao explicar a "Questão de Limites" entre Paraná e Santa Catarina. A indefinição jurisdicional sobre um território de aproximadamente 48 mil quilômetros quadrados criava um vácuo de poder onde a violência ditava as regras e os interesses políticos de arrecadação fiscal e exploração ervateira falavam mais alto que as necessidades da população local.

Um dos capítulos mais inovadores da unidade é o quarto, escrito por Flávio Braune Wiik e Eloi Giovane Mochalovski. Os autores enfrentam a "invisibilidade indígena" na historiografia tradicional do Contestado. Eles demonstram, com apoio em relatos e evidências, que os povos Jê Meridionais



(Kaingang e Xokleng) não apenas habitavam a região muito antes da chegada dos colonizadores, como também sofreram as mesmas expropriações pelas quais passaram os caboclos, chegando a participar de redutos e interagir com o movimento rebelde, unidos contra o avanço brutal do dito "progresso".

A tradição de rebeldia popular na região sul não nasceu no Contestado, fato comprovado no Capítulo 6, de Evelyn Bueno e Alexandre Assis Tomporoski. Os autores recuperam insurgências anteriores profundamente ligadas à figura mística de São João Maria, como o movimento do Campestre (1848-1849), o Canudinho de Lages (1897) e o Movimento do Pinheirinho (1902). A repressão violenta a essas concentrações já delineava a resposta padrão do Estado brasileiro frente às aglomerações camponesas independentes: a criminalização e o extermínio.

A tensão pré-guerra atinge seu ápice nas articulações políticas locais, exploradas nos capítulos 7, 8, 9 e 10. Mochalovski (Capítulo 7) retrata o "Caso do Timbó", um microcosmo da violência gerada pela indefinição de fronteiras, onde a figura de ex-maragatos da Revolução Federalista agia em defesa de interesses coronelistas. Gabriel Carvalho Kunrath assina os três últimos capítulos da unidade, centrando-se na gênese imediata do embate militar. Ele apresenta o Coronel Albuquerque (Capítulo 8), superintendente de Curitiba, cujas perseguições políticas a adversários locais, somadas à corrupção eleitoral, criaram um "barril de pólvora" na região.

É nesse cenário instável que ressurgiu a figura do monge, agora encarnada em José Maria (Miguel Lucena de Boaventura). Kunrath (Capítulo 9) investiga as lacunas sobre a chegada desse novo líder em 1911, que adquire enorme prestígio popular por suas práticas de cura em Campos Novos e Taquaruçu. O incômodo das autoridades locais com a aglomeração popular resultou em sua perseguição. O desfecho dessa caçada é narrado no Capítulo 10, que descreve a fatídica Batalha do Irani (22 de outubro de 1912). O confronto entre os seguidores do monge e o Regimento de Segurança do Paraná, sob o comando do Coronel João Gualberto, resultou na morte de ambos os líderes. A morte de José Maria, contudo, não encerrou o movimento. Pelo contrário, sua santificação e a crença em sua ressurreição ao lado de um "Exército Encantado" cimentaram a união cabocla que daria origem às Cidades Santas e à guerra de resistência nos anos seguintes.

A leitura da Unidade 1 de *A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim* é fundamental para aprofundar o entendimento sobre a formação social da



fronteira sul do Brasil. A coletânea atinge seu objetivo de democratizar o conhecimento acadêmico sem perder a profundidade analítica. Fica evidente, após a análise destes dez primeiros capítulos, que o Contestado não foi um delírio coletivo ou um ato de vandalismo isolado.

A obra demonstra, com clareza e excelente qualidade de apresentação, que o conflito foi a culminância de uma longa cadeia de violências institucionais e privadas. A exclusão fundiária promovida pela Lei de Terras, a ganância de grandes companhias de exploração, a truculência do coronelismo e a ausência do poder público em mediar disputas limítrofes criaram um ambiente onde a religiosidade popular de João Maria e José Maria se tornou a única via de esperança, organização e justiça para caboclos e indígenas. Os autores são muito certos em sustentar a tese de que a guerra foi, em sua essência, um movimento de resistência de despossuídos contra um projeto de modernidade e progresso desenhado para esmagá-los.

A coletânea traz cronologia, índice remissivo, índice bibliográfico e os capítulos são antecidos por pequenos resumos explicativos, por isso, é uma obra que agrada o público acadêmico mas que se dirige também ao grande público. A leitura é fortemente indicada não apenas pelo rigor histórico, mas pelo resgate da dignidade da população do sertão sul-brasileiro.